

ANA DAVENGA E UM OLHAR PARA O FEMININO DA MULHER NEGRA

ANA DAVENGA AND A LOOK AT THE FEMININE BLACK WOMAN

Sharon Martins Vieira Noguez
Uniandrade, Brasil
E-mail: sheren@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca apresentar os principais problemas enfrentados por escritoras negras e sobre a importância da produção literária de Conceição Evaristo. Também pretende analisar sobre a construção das personagens de mulheres negras, analisando três personagens femininas negras e brasileiras e sobre como se dão suas representatividades dentro das obras literárias, para tal, serão analisadas as personagens Bertoleza e Rita Baiana, da obra: *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1890); a personagem Gabriela, da obra: *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado (1958); e a personagem Ana Davenga, do conto homônimo, presente na obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2014). A produção literária de Evaristo, sobretudo no conto "Ana Davenga" demonstram que o feminino negro pode ser representado sem silenciamento e sem estereotipia, e para tal análise serão utilizadas as ideias sobre a inferiorização do homem colonizado apresentadas por Said (1996), o sentimento de inferioridade citado por Fanon (2008), a construção do sujeito, considerando questões de corpo e poder apresentada por Bhabha (1991) e o processo de criação estética elaborado por Bakhtin (2003).

Palavras chave: Ana Davenga; Conceição Evaristo; Feminino; Mulher; Negra.

Abstract : *The present work seeks to present the main problems faced by black women writers and the importance of Conceição Evaristo's literary production. It also intends to analyze the construction of the characters of black women, analyzing three black and Brazilian female characters and how their representations are given within literary works, for this, the characters Bertoleza and Rita Baiana, from the work: O Cortiço, by Aluísio de Azevedo (1890); the character Gabriela, from the work: Gabriela Cravo e Canela, by Jorge Amado (1958); and the character Ana Davenga, from the homonymous tale, present in the work Olhos d'água, by Conceição Evaristo (2014). Evaristo's literary production, especially in the short story "Ana Davenga", demonstrate that the black female can be represented without silencing and without stereotyping, and for this analysis the ideas about the inferiorization of the colonized man presented by Said (1996), the feeling of inferiority cited by Fanon (2008), the construction of the subject, considering issues of body and power presented by Bhabha (1991) and the aesthetic creation process elaborated by Bakhtin (2003).*

Keywords: Ana Davenga; Conceição Evaristo; Feminine; Women; Black.

Introdução

Assim como escritoras negras enfrentam dificuldades para serem reconhecidas como produtoras de saber e de escritoras de renome, as personagens femininas negras também são, na grande maioria, e historicamente, retratadas de forma estereotipadas. A produção literária

da escritora Conceição Evaristo busca mudar esse cenário. A escritora defende a “escrevivência” como sua forma de criação artística, formato que alinha ficção e realidade e protagoniza personagens femininas negras que não são silenciadas e nem retratadas no padrão de mulher negra brutalizada ou sensualizada.

Sua escrita e suas personagens são partes fundamentais na luta contra o racismo estruturado existente tanto do lado da ficção, dentro da obra, quanto no mundo não ficcional, fora da obra. Entende-se que escrever e publicar um livro é um ato político, principalmente se quem o escreve for mulher, negra e de origem humilde. Ser lida, reconhecida e homenageada por uma produção literária que aborda as dificuldades enfrentadas por mulheres negras, é mais uma vitória na luta contra as desigualdades.

O presente trabalho presente demonstrar que o racismo estrutural ocorrido com mulheres negras, sejam elas escritoras ou personagens, são práticas históricas que as silenciam, dentro e fora do universo literário, mas que aos poucos são quebrados por meio do reconhecimento das escritoras e de estudos literários de suas personagens.

A falta de representatividade pode ser percebida já dentro dos movimentos sociais, como o próprio movimento feminista, que excluiu os problemas enfrentados pelas mulheres negras. Dentro do universo literário, o mesmo se dá, até hoje o número de mulheres escritoras assim como de mulheres negras escritoras é inferior se comparado ao número de escritores homens e brancos. Ainda no campo literário, podemos destacar a literatura marginal da década de 1970 onde autores brancos e de elite é que davam voz a personagens negros e negras. Sendo assim, a luta das escritoras mulheres e negras é contra a exclusão de classe, de gênero, racial, social e também literária.

Acerca da construção das personagens, este trabalho analisa três personagens femininas negras e brasileiras e discorrerá sobre como se dão suas representatividades, para tal, destaca-se as personagens Bertoleza e Rita Baiana, da obra: *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; a personagem Gabriela, da obra: *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado; e a personagem Ana Davenga, do conto homônimo, inserido na coletânea *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2014).

Evaristo, em suas obras, busca retratar a mulher negra de uma maneira não estereotipada, representando literariamente uma mulher negra que não seja apenas um símbolo de sexualidade ou de pobreza e opressão.

Escrita negra

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro ainda na década de 1970. Graduiu-se em Letras pela UFRJ e trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, onde defendeu a dissertação: *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e é Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, onde defendeu a tese sobre: *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Na década de 1980, estreia na literatura participando do grupo Quilombhoje na série *Cadernos Negros*, abordando, em sua escrita, temas como discriminação racial, de gênero e de classes.

Dentre suas obras publicadas estão os romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006); o livro de poemas: *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017); o livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (Editora Malê, 2016); e também conta com a participação nas antologias: *Cadernos Negros* (1990), *Contos Afros*, *Contos do mar sem fim*, *Questão de Pele*, *Schwarze prosa* (Alemanha, 1993), *Moving beyond boundaries: international dimension of black women's writing* (1995), *Women righting – Afro-brazilian Women's Short Fiction* (Inglaterra, 2005), *Finally Us: contemporary black brazilian women writers* (1995), *Callaloo*, vols. 18 e 30 (1995, 2008), *Fourteen female voices from Brazil* (EUA, 2002), *Chimurenga People* (África do Sul, 2007), *Brasil-África e Je suis Rio*, (2016).

Suas obras publicadas foram publicadas em inglês e francês, como *Ponciá Vicencio*, em língua inglesa, pela Host Publications, em 2007; e em francês, *L'histoire de Poncia*, em 2015 e *Banzo, mémoires de la favela*, em 2016, ambas traduções foram publicadas pela editora Anacaona.

Analisando-se a fortuna crítica da escritora e de sua obra, encontrou-se no site Google Acadêmico, 4.000 referências ao nome da autora, sendo destes, 3.560 referências em língua portuguesa. *Ponciá Vicêncio*, obra mais conhecida da escritora resulta em 925 resultados, destes, 796 em língua portuguesa. Já o livro de contos *Olhos d'água* resulta em 631 resultados, destes 589, em língua portuguesa. O conto “Ana Davenga” resulta em 159 resultados, sendo destes, 140 em língua portuguesa.

Pode-se concluir que a maioria dos estudos realizados tanto sobre a autora e quanto a obra são majoritariamente em língua portuguesa e crescem desde a data de sua publicação. A partir destes resultados, um novo questionamento surge: como se percebe historicamente a representatividade de autoras e personagens negras?

O movimento feminista, iniciado nos anos 1960, teve como líderes, na grande maioria, mulheres brancas de classe média, da Europa Ocidental e da América do Norte. Suas líderes, como Simone de Beauvoir, nascida em Paris, em 1908, era escritora e graduada em filosofia; Katherine Millett, nascida na cidade estadunidense de Saint Paul, em 1934, também foi uma escritora, artista, educadora e ativista feminista; Betty Friedan, também foi escritora e ativista, nascida em 1921, em Washington. Percebe-se que as principais líderes são todas brancas, letradas, de classe média.

O movimento fez campanha pelos direitos legais das mulheres, como direitos de contrato, de propriedade, trabalhista, licença maternidade, igualdade salarial, ao voto, à autonomia e à integridade de seu corpo (aborto, métodos contraceptivos, pré-natal), proteção contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro. Todas essas conquistas são inegáveis, mas ainda assim, o movimento não contemplou os problemas sofridos pelas mulheres negras.

Outras formas de manifestação alternativas surgiram em decorrência dessa não representatividade, como o discurso de Sojourner Truth, em 1851, às feministas dos Estados Unidos. Truth era estadunidense, nascida em 1797, ex-escrava, empregada doméstica e ativista. Assim como outras mulheres oriundas das antigas colônias europeias e nos países em desenvolvimento, um novo grupo de mulheres propôs o feminismo pós-coloniais, como Chandra Talpade Mohanty, indiana, nascida em 1955 e professora, que criticam o feminismo tradicional ocidental como sendo um modelo etnocêntrico; Este movimento conta com nomes como Angela Davis, professora, e Alice Walker, escritora, ambas estadunidenses, nascidas em 1944, que também compartilham este ponto de vista.

Se em movimentos sociais as mulheres negras tiveram que se posicionar por não encontrarem representatividade dentro do movimento feminino existente, na literatura não foi diferente. Sabe-se que a literatura marginal da década de 1970 não apresentava uma total autenticidade e legitimidade em seu discurso, visto que a grande parte dos escritores deste movimento naquela época eram homens, brancos, artistas e intelectuais pertencentes a classe média. A literatura marginal também se reinventa em uma nova ramificação, auto classificada como literatura marginal periférica. Lúcia Tennina afirma sobre essa autodenominação que:

A autodenominada literatura marginal-periférica da cidade de São Paulo instala-se com força a partir da publicação de relatos que pretendem ressignificar o ser periférico, outorgando-se autoestima e construindo uma identidade. Mas, por trás dessa ideia geral do periférico, escondem-se uma variedade de condições de exclusão: ser negro-periférico, ser nordestino-periférico, ser mulher periférica, ser mulher-negra-periférica. Trata-se de uma série de identidades que não correspondem ao *habitus* do homem ou da mulher de classe média da cidade. Dentro desta série, um grupo chave que vem abrindo espaço na LMP são as mulheres pobres, e, em sua maioria, negras. A particularidade deste conjunto encontra-se no fato de que elas não apenas sofrem a exclusão de classe, mas também de gênero; e esse sofrimento é provocado tanto pelos grupos hegemônicos como pelos mesmos homens periféricos. Seriam algo como subalternas dos subalternos, dominadas dos dominados, ou seja, duas vezes subalternadas e dominadas. (TENNINA, 2015, p.57)

Aqui percebe-se a luta das escritoras mulheres e negras em sua luta diária contra todos os tipos de exclusão: desde a luta de classe até a luta dentro da crítica literária.

Evaristo, em suas obras, busca retratar a mulher negra de uma maneira não estereotipada, representando literariamente uma mulher negra que não seja apenas um símbolo de sexualidade ou de pobreza e opressão. Isso se concretiza por meio do acabamento estético dado pela autora em sua escrita que em sua construção artística dá voz as mulheres negras sem tirar-lhes a autenticidade e legitimidade. Suas obras dão voz à coletividade afro-brasileira, sobretudo às mulheres, e com isso, dá acesso, voz e representação a esses grupos. Dalcastagné (2008) afirma que:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar o nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística. (DALCASTAGNE, 2008, p. 78)

A questão da legitimidade é um assunto que merece atenção: muitos escritores negros não são analisados ao lado dos cânones e são rebaixados ou rotulados como uma literatura autobiográfica, apenas de relatos ou de testemunhos. Os fatores que trazem legitimidade em seus discursos são justamente as razões para que essa literatura seja afastada dos padrões pré-estabelecidos e, com isso, a desqualificada e a afasta de estar, em pé de igualdade, ao lado de nomes consagrados dentro da literatura afim de serem lidas, admiradas, estudadas e analisadas.

Feminino da mulher negra

Como a literatura traduz o feminino das mulheres negras? Muitas vezes as mulheres negras são estereotipadas, isto é, são lidas através de corpos sexualizados e sensuais ou brutalizados por mágoas ou condições de pobreza.

Pensando-se em literatura brasileira, destacamos três obras consagradas no cânone brasileiro: *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1890), *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge

Amado (1958) e o conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo (2014). Tais obras apresentam um intervalo de tempo que resulta, em média, em 62 anos, entre uma publicação e a outra, respectivamente. A obra de Evaristo se distancia da obra de Amado em 56 anos, assim como a obra de Amado se distancia da obra de Azevedo em 68 anos. Mesmo com tantos anos de distância, ainda se encontra muitas semelhanças e estereótipos em relação à mulher negra.

O Cortiço, romance publicado em 1890 pelo escritor brasileiro Aluísio de Azevedo, faz parte do movimento naturalista do Brasil. Aborda a desigualdade social daqueles que viviam nos cortiços e traz representatividade à sociedade brasileira em meados do século XIX.

Dentre as personagens femininas negras dessa obra, destaca-se Bertoleza e Rita Baiana. Bertoleza era escrava e amante que se mata ao final da narrativa, já Rita Baiana era a mulata carismática, sedutora e conhecida de todos os moradores do cortiço, tem um envolvimento com Firmo e com Jerônimo.

Nesta obra, as mulheres negras são os dois estereótipos, uma escrava e a outra sensual. A corrente literária do Naturalismo brasileiro buscava o distanciamento da visão idealizada do Romantismo, e com isso, procura retratar, de forma fidedigna a realidade e a sociedade. A obra denunciava a exploração e as péssimas condições de vida dos moradores dos cortiços cariocas do final do século XIX, mas marginaliza a imagem das mulheres negras, acorrentando-as nesses estereótipos.

Gabriela, Cravo e Canela, escrita pelo escritor brasileiro Jorge Amado e publicada em 1958, apresenta uma segunda fase na escrita de Jorge Amado, que busca retratar tipos populares como poderosos coronéis e mulheres sensuais. A obra representa a Ilhéus da década de 1920 e a sociedade cacauzeira/ traz como personagens coronéis, jagunços, prostitutas e trambiqueiros e que se torna famosa por trazer a linguagem simples e o tom coloquial em sua narrativa.

A narrativa gira em torno do caso de amor entre o árabe Nacib e a sertaneja Gabriela, de pele morena feita de cravo e canela. Gabriela é famosa pelos dotes culinários e variados

temperos se inserem em seus pratos, mas também pela liberdade, beleza e sensualidade de seu corpo, o que desperta fascínio por todos que dela se aproximam.

A personagem Gabriela personifica as transformações de uma sociedade patriarcal, arcaica e autoritária que foi afetada pela renovação cultural, política e econômica. Gabriela não entendia porque Nacib não a queria novamente após o divórcio e nem porque só aos homens que era concedida a possibilidade (e liberdade) de trair e de serem livres.

Nesta obra, a personagem negra associa-se à sensualidade. O corpo sensual de Gabriela é desejado assim como os pratos saborosos que eram produzidos por ela. Novamente temos o estereótipo da sensualidade acorrentando as personagens negras.

Sabe-se que a literatura pode apresentar-se de diversas formas, como, por exemplo, um retrato da realidade, pode inclusive descrever, criticar, ironizar ou satirizar problemas da nossa sociedade. Entretanto, ela também pode ser uma literatura de resistência ou de denúncia, quando ela traz à tona questões veladas e questões que não são debatidas abertamente ou quando denuncia de qualquer relação de poder de alguém ou de algum grupo que seja subalternizado ou silenciado (quando não há representatividade de determinados grupos na literatura).

O conto “Ana Davenga” faz parte do livro *Olhos d’água*, produzido por Conceição Evaristo, em 2014. Este conto apresenta a personagem Ana, mulher negra, moradora de uma favela. Cardoso e Silva (2017) analisam esta personagem negra no artigo: “Representações da violência no conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo” e afirmam que:

Ana Davenga, personagem título do conto, nome que chama a atenção pela forma expressiva, que soa intenso, espesso, e ao mesmo tempo sem definição. O conto é narrado em terceira pessoa, com alguns períodos de fala direta das personagens. Ana, mulher negra, era mulher **intensa, envolvente, feliz, símbolo da liberdade**, apaixonou-se por Davenga, o mafioso da comunidade. Ana, passa a morar em um barraco da favela e passa a usar o sobrenome de seu homem, **obedecendo assim a regras patriarcais e ao mesmo tempo é uma ação de autonomia da personagem. Ana necessita de reconhecimento do casamento**, para sentir-se ligada ao seu homem. É uma narrativa que, embora ficcional, é semelhante às vivências de mulheres dos criminosos das comunidades do Brasil; embora seja um texto literário, simboliza histórias reais sobre as quais desconhecemos. (CARDOSO E SILVA, 2017, p. 66, grifo meu)

Neste trecho percebe-se que os autores entendem Ana como uma mulher intensa envolvente e que a ação de autonomia de Ana, ao se afirmar como mulher de Davenga é como uma obediência das regras patriarcais. Os autores ainda afirmam que:

A proteção oferecida por Davenga à Ana era um modo de fixar o posicionamento do homem negro, no que diz respeito a virilidade ao enxerga-se “dono” do corpo da mulher. **Ana Davenga era subalterna, silenciada, não podia falar sobre o que acontecia em seu dia a dia**, vivia no mundo do crime junto ao homem que escolhera. “Ela era cega, surda e muda no que se referia a eles” (EVARISTO, 2015, p. 22). Subtende-se por meio da voz narrativa que **existia um receio de que Ana seduzisse outros homens**, assim como Davenga foi seduzido. A narrativa é iniciada com um **erotismo conferido à mulher negra**. (CARDOSO E SILVA, 2017, p. 67, grifo meu)

Ana também é apresentada pelos autores como uma mulher que não podia falar, que fora silenciada por Davenga. A questão que se pretende discutir é: Ana foi realmente silenciada e oprimida ou foi uma mulher decidida e que conquistou a confiança do grupo? Havia realmente um receio de Ana seduzir os outros, ou havia medo de os outros tentarem seduzir Ana? E finalmente, foi Ana que aprendeu a olhar os outros ou foram os outros que aprenderam a olhar Ana com respeito, mesmo sendo ela bonita?

E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga. (EVARISTO, 2016 p. 22)

Analisando-se o discurso da narração, percebe-se que Ana não foi silenciada. Ela conquista a confiança de todas por ser leal e com isso tornou-se respeitada. Ela passa a ser vista até como irmã, e são os outros homens (irmãos) que precisam disfarçar o desejo por ela. O sonho incestuoso citado pela narração concretiza a ideia pecaminosa de cobiçar-se uma irmã e a forma respeitosa que Ana passa a ser vista.

Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. [...] Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome. (EVARISTO, 2016, p. 27).

Ana realmente necessitava do reconhecimento do casamento e obedecer às regras patriarcais ou ela é quem decide usar o nome de Davenga e decide ficar com Davenga, mesmo sabendo dos riscos envolvidos? Novamente, analisando-se o discurso da narração, percebe-se o uso do pronome possessivo e a repetição do termo “seu homem”. Tais marcadores linguísticos reforçam o protagonismo de Ana em sua própria vida. Ela não é a mulher de Davenga, e sim Davenga é o seu homem. “Por onde andava o seu homem?” (EVARISTO, 2016, p.21).

Ana é descrita como uma mulher bela, que com o tempo passa a ser respeitada: “Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo seu corpo” (EVARISTO, 2016, p.22) Neste discurso, a narração nos apresenta uma mulher forte e que passa a ser respeitada, onde os homens *buscam não perceber* a beleza de seu corpo. A princípio, o grupo olha Ana com certeza desconfiança e certo ciúmes da atenção que a mesma recebe do chefe, que deixa de morar sozinho e passa a viver com Ana:

E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentre uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assunto deles. (EVARISTO, 2016, p.22)

Evaristo constrói uma personagem principal negra que ganha respeito dentre a sociedade masculina em que vive. O personagem masculino central, também era negro, respeitado, mas intimidador, “gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os mandachuvas se cagando de medo”. (EVARISTO, 2016, p. 24). Mesmo tão intimidados, a autora concretiza, mais uma vez, a força e soberania de Ana, ao desconstruir a figura machista e autoritária do homem, ao construí-lo frágil durante o ato sexual, um homem que chora diante do olhar feminino de Ana.

Davenga era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. Depois então, os dois ainda de corpos nus, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele. Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem. (EVARISTO, 2016, p. 23)

A força desta personagem feminina é reforçada quando é ela que conforta, que acalenta, que enxuga as lágrimas enquanto o personagem masculino comporta-se como um menino, que chora e que a busca incansável quando o sexo lhe é negado.

Além da força, a maturidade de Ana também é percebida em trechos como em que Ana relembra o tempo em que os amigos de Davenga eram quase como seus inimigos e que ainda a detestavam. “Eles detestavam Ana. Ela não os amava nem os odiava. Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. E quando percebeu, viu que não poderia ter por eles indiferença. Teria de amá-los ou odiá-los. Optou por amá-los, então. (EVARISTO, 2016, p. 23 e 24) Podendo escolher odiá-los, Ana decide por amá-los, como irmãos, mesmo eles, de início, a desprezando.

Evaristo traz uma nova roupagem ao apresentar o feminismo negro em sua obra literária, a mulher negra e bela é também feliz, amada e querida pelos demais. É livre e dona de seu caminho.

A obra também traz um viés social, ao descrever a vida de alguém que vive (e sobrevive) em favelas ou locais marginalizados, abordando seus costumes e modos de agir dentro de sua realidade.

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não pronunciava desgraça alguma (EVARISTO, 2016, p.21).

O trecho apresenta a descrição da batida na porta, como que um anúncio de um samba, ou de um ritmo combinado, um ritmo que tem poder de avisar se está acontecendo algo bom ou ruim, se existem problemas ou não. Uma subcultura existente em comunidades que é obedecida por todas a fim de proteger e vigiar a ação de todos que ali moram, Zinni, afirma sobre a “lei da favela” que:

Na fala dos informantes, a “lei da favela” parece referir-se a um conjunto de crenças, normas, valores e condutas que regula as relações entre os jovens envolvidos com as gangues e suas comunidades locais. Essa estrutura normativa, no entanto, parece ser um amálgama de valores tradicionalistas, justificando e legitimando a adoção bastante frequente de uma série de práticas machistas e violentas, para lidar com determinadas situações de conflito dentro dos aglomerados. Nesse contexto, as gangues acabam tornando-se uma espécie de instância de poder local que, por meio da constante ameaça de uso de seu poder de fogo, se encarrega de operacionalizar e fiscalizar o uso desta estrutura normativa (ZINNI, 2015, p.470).

Evaristo aborda em sua obra muitos dessas vivências e de problemas enfrentados no cotidiano, regras que são impostas aos moradores de favelas, o que nos permite perceber a legitimidade existente em suas escritas literárias, que busca representar, de forma autêntica, pessoas e situações.

A forma de bater-se a porta, o comportamento dos grupos de amigos, a questão do tráfico, de moradia, dentre outros, são todos assuntos abordados nas outras de Evaristo.

O prenúncio de samba do início da narrativa, muda de tom, e se transforma em uma porta sendo aberta violentamente. Davenga soube, neste momento, que ele seria preso:

Sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino” (EVARISTO, 2016, p. 30).

No confronto entre os policiais que invadem a casa e a reação de Davenga em tentar pegar o revólver, Ana, que estava grávida, e Davenga morrem. Na favela, todos que os

conheciam choram estas perdas. No noticiário, lamenta-se a morte de um policial em serviço. No viver, sobreviver e morrer, cada um chora a sua perda.

O conto termina de uma forma poética, característica da escrita de Evaristo, que tem o poder de humanizar os dois personagens marginais: “Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de ser aniversário, vinte sete, se abria” (EVARISTO, 2016, p. 30).

Evaristo traz em suas obras personagens marginalizados, com subempregos e seguidores das religiões de matrizes africanas, traz personagens que sofrem o preconceito racial e social, dando voz a grupos inferiorizados, mas sem os tornar refém de estereótipos. Said (1996) questiona sobre a inferiorização do homem colonizado e apresentará a necessidade de o homem não ser escravo de seus arquétipos. Pois as divisões existentes sejam entre os termos nós x eles, ocidente x oriente, branco x negro, homem x mulher são “generalidades cujo uso, histórico e de fato, foi sublinhar a importância das distinções entre alguns homens e alguns outros, normalmente com intenções não muito admiráveis. Evaristo, em sua obra, quebra os tradicionais estereótipos percebidos na construção de personagens negras e sublinha a força da mulher negra em sua “escrivivência”

Fanon (2008) afirma que a consciência negra é aderente a si própria e que não deve se assumir como algo faltante de algo. O sentimento de inexistência, muito pior do que o sentimento de inferioridade, precisa ser rompido: “O preto restaurado, reunido, reivindicado assumido, e é um preto, não, não é um preto, mas o preto, alertando as antenas fecundas do mundo, bem plantado na cena do mundo, borrifando o mundo com sua potência poética” (FANON, 2008, p.117) A obra de Evaristo também rompe tais paradigmas reivindicando com sua literatura e seus personagens a força do homem e da mulher negra. Bhabha (1991) sugere que uma das formas possíveis desta desconstrução de paradigmas é:

A construção do sujeito colonial em discurso do poder colonial pelo discurso implica uma articulação de formas de diferença - racial e sexual. Tal articulação torna-se crucial considerando-se que o corpo se encontra sempre e simultaneamente inscrito tanto na economia do prazer e do desejo quanto na do discurso, da dominação e do poder. (BHABHA, 1991, p.179)

Sobre a criação literária e a escrita negra, faz-se necessário desconstruir mais um estereótipo, que é o de que a literatura negra e marginal é apenas relato, acerca dessa questão Bakhtin (2003) se posiciona acerca da criação estética que:

Até mesmo em trabalhos histórico-literários sérios e conscienciosos, o mais comum é extrair o material biográfico das obras e vice-versa, explicar pela biografia uma dada obra, e aí se consideram plenamente satisfatórias as justificações puramente factuais, como, por exemplo, a simples coincidência entre os fatos da vida da personagem e do autor, destacam-se extratos da obra na pretensão de que tenham algum sentido, ignorando-se inteiramente o todo da personagem e o todo do autor; conseqüentemente, ignora-se o elemento essencial: a forma do tratamento do acontecimento, a forma do seu vivenciamento na totalidade da vida e do mundo. São particularmente absurdas comparações factuais da visão de mundo da personagem e do autor e as explicações de uma pela outra: compara-se o aspecto abstrato do conteúdo de um pensamento isolado do autor com um pensamento correspondente da personagem (BAKHTIN, 2003, p. 8).

O acabamento estético realizado por Evaristo quebrará tais padrões, percebe-se estas quebras já pelo uso do discurso indireto livre, que trará ao leitor, o protagonismo de Ana, transpondo com isso, o silenciamento da mulher/personagem negra.

Evaristo apresentará a beleza do corpo negro, ao mostrar Ana que samba bonito, a bailarina das memórias de Davenga e Davenga de pele negra brilho e lisinha. O corpo aqui não é brutalizado ou sexualizado, é simplesmente belo.

Além disso, a escritora humanizará suas personagens: Davenga tem a imagem de bandido desconstruído ao passo que ama Ana, que relembra e sente falta de sua infância e sua mãe e, como essas memórias, tem poder de emocioná-lo. O mesmo se dará em Ana, que sofre uma preocupação constante entre sumiços e esperas de Davenga, fato traz representatividade a milhares de mulheres, mães, avós e esposas que convivem com a mesma preocupação com filhos, maridos e parentes que estão envolvidos com algum tipo de criminalidade e que sobrevivem, resistem e vivem em locais semelhantes ao barraco de Davenga.

Considerações finais

O presente trabalho buscou apresentar um panorama da produção literária da escritora Conceição Evaristo e de como sua produção literária quebra paradigmas ao protagonizar personagens negras que não são estigmatizadas.

A falta de representatividade das mulheres negras é sentida na ausência dentro dos próprios movimentos sociais assim como dentro do campo literário.

Nas construções literárias, a representatividade da mulher negra é geralmente uma imagem de uma mulher ora brutalizada, ora sexualizada, como é percebido nas personagens de Bertoleza, Rita Baiana e Gabriela. Já na obra de Evaristo, a escritora apresenta uma outra leitura do feminino negro, a personagem Ana ganha destaque desde o título, com o protagonismo na obra, além da beleza da pele negra e da desconstrução do personagem masculino de Davenga.

O trabalho e acabamento estético criado por Evaristo reivindica a força da mulher negra, trazendo voz a quem sempre é silenciado e eliminando o sentimento de inferioridade deste grupo. O corpo negro deixa de ter em sua representação dentro do campo literário apenas a função/representação sexual ou de sofrimento, passando a ter uma representatividade de força e de beleza.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BHABHA, H. K. A questão do outro: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (Org) **Pós Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

CARDOSO, S. ;SILVA, E. K. S. Representações da violência no conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. **Anpoll** n° 43, p. 59-74, Florianópolis, Jul./Dez. 2017. Disponível em:

DOI: <https://doi.org/10.29327/232521.9.1-1>

<<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/1038/910>> Acesso em: 04 dez. 2021.

DALCASTAGNÈ, R. Vozes nas sombras: representatividade e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, R. (org) **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2008

EVARISTO. C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON. F. **Pele Negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008

SAID. E. W. **Orientalismo**. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

TENNINA. L. A voz e a letra da mulher na literatura marginal periférica: figurações e reconfigurações do eu. In: DALCASTAGNÈ, R. (org) e LEAL, V.M. V. (org). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2015.

ZILLI. L. F. O “mundo do crime” e a “lei da favela: aspectos simbólicos da violência de gangues na região metropolitana de Belo Horizonte. **Etnográfica**, vol. 19, n. 3, p.463-487, 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/4074>> Acesso em: 04 dez. 2021.

Submetido em: 20/04/2022

Aprovado em: 05/09/2022